

A PAIXÃO  
DE ROMANCE  
*Schopenhauer*  
CHRISTOPH  
POSCHENRIEDER

TRADUÇÃO DE  
*Manuela Ramos*



*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
Para quem quer fugir da rotina



## ÍNDICE

### *Nesta vida de constante ambiguidade*

<i>Uma cabeça interessantíssima</i> .....	11
<i>Talvez possa aproveitar a carta anexa</i> .....	19
<i>Poeta inglese stravagante</i> .....	27

### *O mundo é a minha representação*

<i>Equanimidade</i> .....	33
<i>Adele</i> .....	35
<i>O roxo revela firmeza</i> .....	41
<i>Carbonari e satelliti</i> .....	51
<i>Don Juan</i> .....	55
<i>Sem liberdade não existe felicidade</i> .....	59
<i>Corta-corta</i> .....	69
<i>Brâmane</i> .....	73
<i>Lido</i> .....	79
<i>Tagliamento</i> .....	81
<i>A assistente do encadernador</i> .....	85
<i>Despacho</i> .....	89

### *O mundo é a minha vontade*

<i>Transferido para um país estranho</i> .....	93
<i>Natureza maldita</i> .....	97
<i>Ciccio</i> .....	103
<i>Não mais factótum</i> .....	109
<i>Macaroni, Makkaroni, Maccheroni</i> .....	113
<i>Serenissima</i> .....	119
<i>Estrangeiros confidentes</i> .....	123
<i>Teresa</i> .....	129
<i>Carne de gato</i> .....	139
<i>Aqui estão os leões</i> .....	145
<i>Evita o espinho</i> .....	153
<i>Colhe a rosa</i> .....	155
<i>Karoline</i> .....	165
<i>Encontros</i> .....	173

<i>Um herói não chora</i> .....	179
<i>Oríon</i> .....	185
<i>Calosidade</i> .....	189
<i>«La note xe bela»</i> .....	195
<i>Vícios de velhos mestres</i> .....	199
<i>Quero e não quero</i>	
<i>Isso, julgo, deve alegrar-te</i> .....	209
<i>Admittitur</i> .....	215
<i>Cheia</i> .....	219
<i>Embriaguez</i> .....	225
<i>Apenas nada admirar</i> .....	227
<i>Sê tão feliz quanto puderes</i> .....	231
<i>O porco</i> .....	235
<i>Máscaras</i> .....	243
<i>É para ignorar</i> .....	247
<i>É para apanhar</i> .....	251
<i>Quando o coração não espera</i> .....	261
<i>Triunfo do tempo e do desengano</i> .....	267
<i>Sóis e vias lácteas</i> .....	275
<i>Nota sobre a história da história</i> .....	278
<i>Traduções das citações estrangeiras</i> .....	279

# Nesta vida de constante ambiguidade

*Tudo o que se publica  
é como um medicamento que se dá a alguém:  
por vezes surte logo efeito, por vezes nada faz,  
termina sem ter atuado, por vezes atua demasiado tarde,  
e por vezes surte efeito em sítios  
onde não era suposto  
e de forma inesperada.*

Arthur Schopenhauer



## *UMA CABEÇA INTERESSANTÍSSIMA*

**S**chopenhauer estava furioso. Tinha encenado uma dança frenética. No final, na malandrice, os dois tipógrafos troçaram dele e, com as mãos encardidas de preto, fizeram-lhe uma careta. Saiu de casa do editor e desatou a correr, sem destino, o doutor de Filosofia, qual bola incandescente a deitar fagulhas pelo caminho.

Era desesperante. Trabalhara todo o verão nas provas do manuscrito, como um escritor esfomeado, para que o prazo fosse cumprido. O editor tentara desenvencilhar-se, iludindo-o durante muito tempo, para, no fim, atribuir toda a culpa à tipografia.

Schopenhauer arrastava-se e praguejava em volta das bancadas que estavam montadas desde manhã: estruturas instáveis, construídas à pressa, cobertas com lona. Carretos de duas rodas e trenós com patins de ferro rolavam sobre o pavimento; carregadores, carroceiros, carpinteiros, berravam atropelando-se uns aos outros, acompanhados das marteladas e do ruído das serras no meio da gritaria dos vendedores de mercado e dos seus ajudantes, que tentavam pôr um pouco de ordem naquele caos.

Um farrapo colou-se à sua bota. Schopenhauer começou a bater com os pés no chão, como se estivesse a pisar um adversário invisível. Tirou finalmente o trapo com a mão e atirou-o para o chão. Alguns dos artesãos baixaram as suas ferramentas e observavam o espetáculo

com interesse. Ser o alvo das atenções causava-lhe mal-estar. «Chega», pensou ele, «já chega.»

Um relógio bateu as nove, dez, onze e — seguiram-se as três batidas fracas do quarto de hora. Meio-dia menos um quarto.

Saiu a correr para a rua que ia dar diretamente à Estação Principal dos Correios de Leipzig, deixando a confusão das bancadas do mercado para trás. Com alguma sorte, conseguiria escapar antes das doze batidas àquela cidade que de uma hora para a outra se tornava cada vez mais apertada e barulhenta. Como seria dali a uns dias, quando as bancadas estivessem todas abastecidas e entre elas começassem a mover-se, numa grande agitação, clientes, vendedores, curiosos, músicos, pedintes e comerciantes ambulantes de quinilharia? Aqui, arrancava-se um dente a um lavrador; ali, na tenda das aberrações, filhas de burgueses estremeciam com a visão de bebês deformados, imóveis, imersos em frascos de vidro. Salsicha grelhada, teatro de fantoches, circo de macacos, pulgas e cães para a plebe, um concerto no armazém de fazendas, um banquete no Alippi ou no Primavesi para os mais abastados. Nas despensas e no pátio do mercado, os artigos amontoavam-se em grandes pilhas: rolos de tecido, produtos de tabacaria, seda, couro, inutilidades, olaria, porcelana, partituras, artesanato e quadros, relógios, ferramentas, máquinas, lã e algodão, sapatos, chapéus, calças, casacos, sobretudos, vestidos, luvas, metais e medicamentos, vidros e cristais, papéis, máquinas impressoras e tintas de impressão, chumbos de tipografia e livros, livros, livros. Só o seu é que não.

Schopenhauer agitava-se por entre caixotes empilhados e um carro de bois, passou pelo Naschmarkt, que também era a despensa de Auerbach, de onde saíam silhuetas a piscar alegremente os olhos e a tatear na luz.

Partiu uns dias antes, às quatro e meia da manhã, conseguiu ainda apanhar a primeira carruagem do correio, na qual chegou a Leipzig às duas horas da manhã. O resto da noite passou-a estirado num banco na estação dos correios. Os hotéis nas redondezas estavam cheios e ele demasiado cansado para ir à procura de uma estalagem. De qualquer modo, tinha ainda por companhia um boi e um burro — dois vendedores ambulantes malcheirosos e flatulentos que dormiam dobrados sobre os seus tabuleiros na outra extremidade da sala. Três horas depois, saíam os dois da sala fazendo uma grande barulheira; Schopenhauer seguiu-os imediatamente. Na taberna ao lado, bebeu um café fraco e



comeu dois pãezinhos que ainda fumegavam quando ele os abriu e os pingou com uma compota escura.

O editor devia ter entrado no seu escritório por uma porta traseira; Schopenhauer esperara na porta da frente desde que a madrugada rompera. Uma palavra, só teria precisado de uma única palavra dele — mas os tipógrafos instruídos para o acalmarem não o largaram de vista, nem por nada, desde que ele começara a bater nos caixotes e a gritar irado com o editor, dizendo-lhe que devia, por gentileza, cumprir com a sua parte do contrato, tal como ele o fizera.

O cheiro a estrume de cavalo anunciava a estação dos correios. Havia uma canga no pátio, quatro cavalos exaustos, encharcados de suor. Entrou mais uma carruagem a ressoar pela porta da cidade. O postilhão produziu um grasno com a corneta e puxou as rédeas. Seis passageiros desceram um a seguir ao outro, apoiando-se no degrau com um passo firme.

Schopenhauer abriu a porta dos correios com um empurrão. Na outra extremidade da sala baixa com abóbadas apoiadas em colunas imponentes, destacava-se um funcionário por detrás de um balcão que lhe dava pela altura do peito.

— Quando parte o próximo correio para Dresden? — perguntou Schopenhauer.

— Normal ou urgente?

— Desculpe? — Schopenhauer inclinou-se para a frente e pôs a mão atrás da orelha esquerda. Voltou imediatamente a tirá-la; detestava gestos habituais, como se revelassem demasiado sobre a sua pessoa.

— É indiferente.

O funcionário olhou para o relógio e disse:

— De acordo com o horário, daqui a seis horas. Carruagem com regresso, para si, mais cedo. Quatro táleres, dezoito xelins e nove *pfennings*, gorjeta para o postilhão incluída. Aquele ali.

Um postilhão provinciano, vestindo jaquetão amarelo com colarinhos azuis, uns calções de couro que já não eram brancos e botas altas, estava encostado à parede, a fumar um cachimbo de porcelana, e acenou obsequiosamente ao seu hipotético passageiro.

— Tanto? — perguntou Schopenhauer e pensou: «É indiferente; só me quero ir embora, sair daqui.»

Em frente da estação estava uma carruagem ligeira de seis lugares. O postilhão abriu-a e atirou lá para dentro um saco postal selado com correspondência. Schopenhauer subiu para trás e pôs os pés sobre

o assento. Como gostaria de naquele momento ter nas mãos um exemplar do seu livro acabado de imprimir: as folhas dobradas e atadas, cuidadosamente separadas umas das outras, todas igualmente cozidas, papel e impressão conferido, a página de rosto repetidamente revista, satisfeito com a escolha do mote descoberto por Goethe: *Será que a natureza se desvenda?*

Como gostaria de tomar o peso ao livro, encostá-lo ao nariz e absorver o seu cheiro e folheá-lo com uma satisfação infinita. O facto de o editor o ter instigado a sentir aquele prazer levou-o a começar a viagem com uma grande incerteza — era o pior de tudo.

Esperar sossegadamente significava desafiar o inverno nos Alpes, em vez de o gozar no clima ameno do Sul. Não, tinha de ser: ou agora ou só muito mais tarde. O amigo Quandt encarregara-se do envio dos primeiros exemplares, e o editor — não por simpatia, mas por interesse comercial — faria uma ou outra recensão no seu ou noutros jornais. O resto aconteceria como teria de acontecer: o filósofo Arthur Schopenhauer regressaria da primavera italiana para uma Alemanha de inverno tardio, os professores de Filosofia, quais vespas adormecidas, dariam ferroadas nos seus ninhos, criticá-lo-iam com argumentos consolidados e, a partir daí, com uma voz alta e potente empregariam uma palavrinha de peso.

— Foi-se embora? — perguntou o homem por detrás do muro de documentos empilhados sobre a secretária.

O secretário foi pé ante pé até à porta, pôs-se a escutar e acenou com a cabeça.

— Meu Deus, não há maiores imbecis que os autores — queixou-se Friedrich Arnold Brockhaus, editor dos muito bem-sucedidos *Léxicos de Conversação*, cuja quinta edição estava naquele momento no prelo.

Endireitou os óculos duas lentes redondas numa armação de osso. Óculos e faces redondas, rosto redondo com um nariz abatatado, tudo disposto sobre o papo de um queixo duplo, o que conferia ao editor uma aparência bonacheirona e indulgente. No entanto, Brockhaus era um comerciante tenaz; se tivesse de o ser, para conseguir aturar autores como aquele filósofo. Embora se arrependesse amargamente de ter assinado o contrato, iria cumpri-lo, custasse o que custasse (ainda que tivesse de o protelar um pouco), até ao desfecho, se calhar, igualmente amargo.

Entretanto, o panorama começou a ser promissor. O jovem fora recomendado por um conhecido comum como sendo uma «cabeça interessantíssima, cujo raciocínio diversificado e uma vontade férrea e profundidade dos seus estudos eram inultrapassáveis por qualquer ser vivo.» E, curiosamente, não estava com expectativas de vir a receber honorários elevados. Provinha de boas famílias (Goethe frequentara com regularidade o salão da sua mãe) e tinha um nome que não era desconhecido. Brockhaus tivera a amabilidade de publicar diários de viagens de Johanna Schopenhauer, com os quais ganhara bastante dinheiro.

Uma obra filosófica, portanto — porque não?

Hegel (comprometido com outros editores), Fichte (falecido) e Schelling (o menos produtivo) — nada se opunha na Filosofia contemporânea alemã a estas três sumidades, que causavam agitação e desafiavam os grandes.

A este cenário juntou-se a cabeça interessantíssima.

Em março, Brockhaus concordou, com satisfação.

No início de agosto, o autor começou a atormentar o editor com cartas num tom absolutamente exasperado: que as seis primeiras provas não se tinham realizado, provavelmente porque Brockhaus não contratava tipógrafos suficientes; por isso é que a impressão da obra corria sérios riscos de sair com atraso. Passados alguns dias, o filósofo escreveu: que assim não se podia lidar com ele, que não era um dos autores dos *Léxicos de Conversação* de Brockhaus e de escritores igualmente medíocres, com quem não tinha nada em comum a não ser o uso da tinta e da pena.

Quando saiu finalmente o primeiro exemplar, o autor contou trinta e cinco linhas por página em vez das trinta combinadas, e desatou imediatamente a gritar por socorro; entretanto, sentiu que estava a fazer papel de bobo. Palavra e ação, promessa e honra significavam para Brockhaus duas coisas diferentes, e ele exigia prontamente os seus honorários, pois não podia confiar mais no editor. Precisava do dinheiro (nem que fosse uma quantia simbólica) para a sua viagem a Itália, sobretudo como prova de que Brockhaus estava a levar a sério a impressão da obra. Além disso, ouvira de vários lados que o editor demorava muito tempo a pagar os honorários — quando os pagava.

— O Léxico — resmungou Brockhaus — traz dinheiro à casa e, caramba, como é natural, a sua impressão tem prioridade, e não uma obra filosófica obscura.

Pagara os catorze ducados combinados quando recebeu as últi-

mas páginas manuscritas, tal como estava no contrato. Depois disso, o sossego reinou durante uns tempos. Até àquela manhã.

— Mais uma carta — disse o editor —, a última.

O secretário dirigiu-se à escrivaninha, levantou a tampa e tirou de lá de dentro uma folha de papel, verificou a posição da sua manga de alpaca e mergulhou a pena.

— Discurso muito sucinto — disse Brockhaus.

— «Excelentíssimo» — ditou o secretário.

— Na sua última carta, esperava pelo menos uma prova das suas alegações caluniadoras, ou que se retratasse das mesmas — Brockhaus inspirou fundo —, e uma vez que não se verificou nem uma coisa nem outra, e eu também não o considero daqui em diante um homem honrado, no futuro não haverá mais troca de correspondência entre nós. Ponto. Por isso, quando reconhecer a sua caligrafia no envelope, não abrirei, não receberei de modo algum as suas hipotéticas cartas que em todo o caso... Como é?

— Certo — disse o secretário.

— ... se revelam na sua divina grosseria e brutalidade, e mais parecem escritas por um carroceiro do que por um filósofo. Ponto.

O editor soprou uma pestana das lentes dos óculos.

— Já se foi mesmo embora?

O secretário desceu até à porta de entrada e voltou com um sorriso irónico.

Parágrafo.

— Só espero que o meu receio de imprimir a sua obra em sobras de papel não se venha a concretizar.

Ponto.

Após uma série de milhas postais, Schopenhauer chegou a Dresden por volta das duas horas da manhã — juntamente com o saco do correio que passava de carruagem em carruagem e que fora o seu melhor, porque mais silencioso, companheiro. Por entre Zwinger e Schlosskirchen avistava-se uma quarto de lua, uma bela imagem e um momento que merecia ser apreciado, mas Schopenhauer não olhou.

Na soleira da sua porta, encontrou uma carta pela qual esperava há muito tempo. Abriu cuidadosamente o envelope sem danificar o selo e tirou de lá de dentro uma folha dupla dobrada. Uma outra carta caiu ao chão. Apanhou-a, leu-a de relance e tornou a lê-la.

«O quê», pensou ele, «Goethe só chegou a este raciocínio?»

E porque é que esta carta demorou tanto tempo a chegar de Karlsbad a Dresden?»

De repente, sentiu-se pequeno, muito pequeno.



TALVEZ POSSA APROVEITAR A CARTA ANEXA

**E**stava realmente na altura de tratar da correspondência pendente, pensou Goethe. Durante toda aquela tarde quente de verão, ele e Stadelmann tinham andado à procura de minerais — obviamente que o camareiro não encontrara nada, sendo certo e sabido que iria carregar a colheita numa pesada cesta da região para o vale, pela *colina da vida eterna*. A colheita de Goethe fora bastante mais abundante. Entusiasmado com a sorte do descobridor, ignorara os presságios; e, passado pouco tempo, Goethe coxeava atrás do camareiro com o pé a doer-lhe cada vez mais, resmungando, irritado com a colina da eterna descida. Além disso, o seu sólido par de sapatos, que já o acompanhara em algumas expedições pelos desfiladeiros e clivagens perto de Karlsbad, estava bem protegido com meias solas.

Goethe descansava no divã no seu quarto, com a barriga da perna apoiada numa almofada para não pressionar o calcanhar esfolado e dorido. Por alguns momentos, pensou se pediria a Stadelmann que lhe trouxesse papel e material para escrever, mas optou por ajeitar as almofadas e reclinou-se sobre a cómoda para pegar na obra de Madame de Staël, *Sobre a Alemanha*.

Abriu o livro, deu uma espreitadela e voltou imediatamente a fechá-lo. Seria bom que não houvesse correspondência: primeiro res-

ponderaria ao Doutor Schopenhauer. Em todo o caso, há dois meses que não prestava atenção à carta. O assunto não era sobre uma viagem? «Amanhã, de manhãzinha, escrevo-lhe», pensou Goethe enquanto procurava um marcador de páginas.

A Staël empreendia aqui uma excursão à Filosofia alemã. Não que a Filosofia o interessasse especialmente, mas, apresentada daquela maneira, era tolerável e, de vez em quando, até mesmo divertida. O espírito *filosófico*, escrevera Madame, de acordo com a sua natureza, não pode ser disseminado de um modo geral em nenhum país. Na Alemanha, no entanto, existe uma tal tendência para refletir, que esta nação pode ser preferencialmente considerada uma nação metafísica.

Goethe apenas passou os olhos pelas linhas, com a esperança de que uma ou outra frase o prendesse, o entretivesse por uns momentos e a seguir o levasse a prosseguir.

*A filosofia é a beleza do pensamento, certifica a dignidade do Homem, que se pode ocupar com a eternidade e o invisível, se bem que tudo o que é grosseiro na sua natureza o afaste disso.*

Pousou o livro por um momento. Beleza do pensamento? Iria dar sempre a primazia à palavra e à ação. Bocejou, utilizou um papel brilhante como marcador e fechou o livro. Stadelmann acordá-lo-ia a tempo.

— Paul?

Angelica Catalani não obteve resposta. O seu agente e marido, Paul Valabrègue, fazia-se surdo. Como sempre.

— Paul.

Valabrègue estava sentado confortavelmente no sofá, numa sala contígua, a fumar cachimbo.

— *Paul!*

Quando a Catalani gritava, fazia-o com a potência de uma voz modelada. E antes de os empregados acorrerem e as pessoas que passavam na rua se deterem em frente do hotel, até um fleumático como Valabrègue se apresentava sem perda de tempo.

— O que foi, minha querida? — perguntou ele, quando assomou à porta do quarto de Madame. Sempre revirara o globo ocular esquerdo, solto na cavidade, que rolava como um berlinde numa tigela e que não se entendia com o outro, parecendo fixar o infinito. A maioria das pessoas, quando olhava para Valabrègue, não sabia para onde devia olhar, mas a Catalani olhava para o meio, para a parte superior da cana do nariz, ignorando a ruga vertical que ali se formava.



— O que foi? Daqui a uma hora vou cantar para um príncipe, e tu aí sentado com o teu fato mais puído, a soprar argolas de fumo.

Valabrègue detestava aquelas cenas.

Ela cantava — e ninguém pagava pelo entretenimento. Não, havia uma pessoa que pagava — ele próprio, Valabrègues, sempre, quando tinha de fazer conversa com os desdenhosos nobres, ou com os ilustríssimos «De» e «E» que, a troco de uns copos de champanhe, uma refeição e um piano, pagavam demasiado barato a atuação de uma diva mundialmente famosa. Valabrègue tinha de estimar as cordas vocais da cantora (tendo em consideração que ela estava no seu trigésimo oitavo ano de vida): «Um concerto regular, façam favor!», mas cantar em frente a um príncipe, só porque o mundo inteiro estava em Karlsbad em curas?... Nos melhores tempos, teriam ficado ali, quando muito, durante a muda do cavalo. Ou durante a própria cura. Mas agora andavam de cidade em cidade, de aldeia em aldeia; Valabrègue colava os seus papéis, e Catalani, a diva, cantava sobre um soalho que rangia, para bebedores de cerveja que arrotavam, mas que pelo menos pagavam, e, demasiadas vezes, infelizmente, para nobres que sorviam champanhe e que exibiam os seus títulos como bilhete de entrada. No entanto, ia deixar de ser assim: mais uns meses e haveria dinheiro suficiente para a propriedade na região e uma longa pausa; ou até para o fim de uma *tournée* que começara há quase vinte anos em Veneza, que fora um êxito em Nápoles, Lisboa, Paris, e Londres, e que, naquele momento, tinha chegado àquele declínio.

«Caixas», pensou Valabrègue, «pudesse eu encher caixas e garrafas com a voz da minha Catalani, como fazem os habitantes de Karlsbad com o seu sal medicinal quando faziam evaporar a água mineral.»

— Paul.

Paul-ponto final. Valabrègue interrompeu os seus pensamentos e afastou-se insinuando uma vénia.

Angelica Catalani começou com os exercícios de voz.

Claro que Stadelmann o acordou tarde demais, e ele, por causa do calcanhar dorido, demorara demasiado tempo no trajeto desde o seu quarto no Grandhotel Pupp, pelo que se encontrava de mau humor quando entrou na sala e aí se deteve por uns breves momentos.

Goethe tinha tanta necessidade de uma sala cheia de gente como de uma biblioteca — tal como tirava um livro da estante, o folheava à sua vontade e, enriquecido ou enfastiado, o voltava a arrumar.

Um Goethe podia-se permitir tal coisa; no entanto, quando não queria, não se deixava ler por ninguém. A biblioteca não estava mal selecionada. Bom, a condessa Bombelles, que, acima de tudo, falava como um livro, era de evitar; ao casal de condes conhecia ele de cor e salteado; com Erdöd-Palfy divertia-se sempre; as duas princesas Reuss-Köstritz, encantadoramente ilustradas e coloridas, um formato verdadeiramente gracioso que compensava sempre o folhear; perto do estrado, os pesados, ornamentados a dourado: o conde Klemens von Metternich, ministro austríaco, ao lado do anfitrião, o conde Schwarzenberg, um dos vencedores da Batalha de Leipzig e *capo* de Ístria, ministro dos Negócios Estrangeiros russo; e um homem com um olhar apático e mal barbeado e um maço de partituras debaixo do braço.

Quando Goethe se juntou ao grupo de Metternich, a princesa da cauda de seda roçagante despertou Valabrègue do seu estardalhaço, e este revirou o seu olho solto fixando-o nas raparigas. O outro olho, quieto, fixava-o em Goethe, que lançava ao conde Metternich um olhar inquiridor.

— Estávamos a falar de Byron — disse Metternich fazendo uma ligeira vénia.

— Byron! — guincharam as princesas, corando, apesar das consideráveis camadas de pó de arroz. Goethe olhou para o *Capo de Ístria*.

— Dos distúrbios no Norte de Itália — explicou o ministro dos Negócios Estrangeiros —, não do desassossego que o poeta causa nos corações das jovens donzelas, excelentíssimas majestades.

— Oh, claro — suspiraram as duas Reuss-Köstritz.

— Longe de nós derrotá-los — disse Metternich, galantemente. — Os outros, no entanto, sim... à força.

Goethe não teve ilusões de que a sua presença perante as princesas nem sequer provocara o efeito da simples menção do seu nome. Acenou a Metternich.

— Byron — disse o conde — tem causado alguma agitação desde que vive no *palazzo*, entre os Gregos, os Italianos em geral, a insurreta *Carbonari* em especial.

Valabrègue soprou por entre os lábios cerrados:

— Agitação? Vi-o em Veneza, no inverno. Está gordo e irascível. Quanto a mim, como poeta, está acabado. Escândalos às dúzias. Perde-se por um rabo de saia.

— Tenho de intervir — sibilou Goethe, levantando uma mão entre Valabrègue e as princesas, como se as pudesse assim proteger de palavras grosseiras. De que tratava aquela miserável e danificada enca-

dernação de cartão? Valabrègue nem sequer a abrira. O seu olhar fixo estava, como sempre, colado a Goethe, e o olho giratório continuava a sondar as princesas, que não pareciam estar particularmente chocadas com um poeta que não se dedicava apenas à poesia. Soltavam risadinhas e pipilavam e os seus vestidos de seda roçagavam e as suas caras brilhavam como um lampião acabado de ser aceso, declamavam versos de Byron a torto e a direito, bem como rumores lidos em revistas partilhadas, que a condessa Bombelles compunha com todo o zelo.

Entre todos eles, Goethe podia ainda extrair de Metternich alguns pormenores sobre a existência veneziana, depois a coisa ficava sempre demasiado maçadora, voltar a abrir Valabrègue com poucas palavras e voltar a fechá-lo com olhares penetrantes. Doía-lhe novamente o calcanhar, e da cena da Catalani só apanhara os últimos compassos. Achou que estava na altura de voltar a pôr os livros na estante, o fólio de lombada dourada de um conde Metternich bem como os cadernos do livro de um Valabrègue com as páginas marcadas; estava na hora de apagar a luz da biblioteca e ir para a cama.

Mas pairava ainda uma nota discordante no ar. Sobrepô-la com uma consonância de sons, só Madame Catalani o conseguia fazer. Goethe pigarreou e disse:

— Talvez nos possa dar a honra, Madame Catalani, de nos presentear com uma canção de boas-noites?

Ela fechou os olhos e cantou. A sala estava silenciosa, toda a casa, Karlsbad estava em silêncio. A voz da Catalani atravessou a janela aberta, e alguém que esfregava os olhos pela manhã perguntou-se, espantado, o que o visitara com tanta tristeza, mas que durante o sono fora tão delicioso e consolador:

*Lascia la spina, cogli la rosa;  
tu vai cercando il tuo dolor.  
Canuta brina, per mano acosa,  
giungerà quando nol crede il cor.*

Uma rajada de vento empolou as cortinas e apagou algumas velas. As senhoras aconchegaram os lenços em volta dos ombros despidos. Fecharam as janelas e a reunião dispersou num instante.

Os borrões no início das palavras, produzidos inicialmente por uma pena a pingar, de tão sobrecarregada, e a seguir conduzida duran-

te tanto tempo sobre o papel, até se render apenas a um traço fino e interrompido, e a seguir mergulhada à pressa no tinteiro quase sem emendas e a fluidez involuntariamente interrompida, categoricamente continuada, mais um vestígio de gotinhas de tinta que denunciavam o caminho para o ponto de ligação; pelo meio, algumas palavras desinibida e energicamente riscadas, a folha utilizada da margem esquerda à direita: a letra de um homem novo, os arcos e as curvas alongados, as curvas retorcidas das vírgulas, os travessões empinados — um gesto único de impaciência.

A carta tinha a data de 23 de junho desse ano.

Ele, Schopenhauer, há muito que não dava notícias; também não tinha tido nada para dizer. Com aquela carta anunciava a sua iminente viagem a Itália, já bastante atrasada, depois de a sua obra dos últimos quatro anos estar concluída, isto é, se na Michaelismesse de Leipzig fosse publicada com o título *O Mundo como Vontade e Representação* e recebesse um belo exemplar o mais depressa possível. Que era apenas o fruto de toda a sua vida e que achava que nunca iria conseguir fazer nada melhor nem mais completo.

Goethe abanou a cabeça. Seria o arrebatamento de um trintão ou já a embriaguez de uma grandiosidade almejada?

Seguiam-se comentários à teoria das cores, à ausência de qualquer ressonância ao pequeno texto de Schopenhauer — «tal como a pedra que se atira para um charco e não deixa rasto». De qualquer forma, ele era boa pessoa, pois acreditava que o que era puro e verdadeiro acabava por vingar.

«Isso já está dito, nomeadamente na *minha* teoria das cores, ilustre doutor», resmungou Goethe com uma expressão de irritação. Ao que parecia, o jovem homem não fazia tenção de o deixar em paz. Começou:

*Gostei muito de voltar a ter finalmente notícias suas: o senhor prossegue velozmente o seu caminho com alegria, para o que lhe desejo sorte. Decerto lerei a obra anunciada com todo o interesse. Que a sua viagem a Itália lhe corra bem!*

Goethe pegou na carta de Schopenhauer. Tomava a liberdade de perguntar se não podia requerer ao conselheiro de Estado uma sugestão, para além das descrições incluídas na *Viagem a Itália*, ou se lhe poderia aconselhar livros ou reconhecê-lo através de uma carta de recomendação que lhe proporcionasse o encontro com uma pessoa interessante ou importante durante a viagem.

Goethe amassou um bocadinho de cera até esta ficar mole e a pegar-se aos dedos, e lembrou-se da tarde em casa de Schwarzenberg.

«O homem pode ser ajudado», pensou ele. «Se pretendes medir forças, Arthur, fá-lo com os melhores. Vou oferecer-te um verdadeiro “abre-te, Sésamo”.»

Pegou numa carta de papel rijo, escreveu umas linhas com uma letra bonita e oscilante e assinou cuidadosamente. A seguir, terminou a carta com duas frases:

*Talvez possa aproveitar a carta anexa.*

*Melhores cumprimentos,*

*Goethe*

... e um sorriso rasgado na cara.

Passado pouco tempo, o camareiro Stadelmann colocou a missiva no topo da pilha de correspondência. Quando abriu a porta, passou uma brisa por entre os envelopes; alguns caíram no chão; a carta para Schopenhauer es-corregou despercebidamente para debaixo de um armário. Umhas semanas depois, no final da época balnear de Goethe em Karlsbad, Stadelmann fez uma nova inspeção aos quartos, encontrou o envelope e foi pô-lo sorratamente no correio, que em dois dias o faria chegar a Dresden.



*POETA INGLESE STRAVAGANTE*

**L**ord Byron estava com a barriga apoiada à mesa de bilhar, atirando repetidamente uma bola sobre o lado mais curto da moldura, da mão esquerda para a direita, da direita para a esquerda. A casa estava silenciosa, só o lobo uivava de vez em quando uma cantiga assustadora. A última vela estava apagada há algum tempo, o canal refletia um pouco de luar através das duas janelas do teto. Aqui e acolá uma mancha dourada cintilava no branco azulado da luz da lua.

Mas que dia!

Por volta das três horas da tarde — quando Byron se arrastava para fora da cama —, Percy Shelley entrou de rompão; o velho amigo, que deixara de ser o poeta alegre, era agora uma trouxa desfeita, de olhos húmidos e vermelhos e cabelos desgrenhados; Shelley contou, meio a gritar, meio a chorar, que: tinham partido a meio de um temporal da casa de verão de Byron, em Villa d'Este, e que não tinham encontrado um gondoleiro que aceitasse fazer a travessia da lagoa com aquele tempo enfurecido; a mulher levava sempre consigo a criança, que estava cada vez mais sossegada, protegida pelo pano sujo contra o seu peito; a criança parecia estar cada vez mais leve; depois, um gondoleiro solícito dispôs-se a levá-los: um desastre, porque no posto militar não deixaram que traduzissem o que eles diziam devido à falta de papéis — e Percy Shelley quase se atirara ao pescoço do homem insensato, mas,

a seguir, conseguira com dinheiro evitar um regulamento qualquer: e quando, quase próximo da histeria, entrou à força no Palazzo Mocenigo — passando pela exposição de feras em fúria, pelo lobo que arreganhava os dentes, pelo cheiro pestilento e pela poeira que se elevava das jaulas, alvo dos latidos roucos da raposa e dos insultos dos macacos irritados — contara com a ajuda de Byron, que conhecia a cidade e as suas pessoas, mas a este, tonto de sono, no princípio da tarde, só ocorreu mandar um gondoleiro primeiro ao seu médico, e depois levar os dois, Shelley e o médico, ao hotel, onde a mulher de Shelley esperava... não, onde ela já não esperava por nada, pois a criança estava morta, tinha morrido pouco depois de Shelley se ter precipitado para casa de Byron à procura de alguém que pudesse curar a disenteria.

Byron desistiu da posição incómoda (começava a sentir comichão na ponta do queixo) e sentou-se no canto da mesa de bilhar. Pôs os braços de lado para estabilizar o tronco, que parecia um metrônomo a balançar.

Acendeu algumas velas, as necessárias para encontrar uma garrafa de vinho, deu um gole grande e dirigiu-se à porta, em direção à varanda estreita. Ficou por um momento parado em frente de um espelho de parede.

— Demasiado claro — disse, e apagou as velas.

A água cheirava mais a mar do que nunca; e quando olhava para baixo, para as estacas branco-azuladas, conseguia descobrir em volta delas pequenos remoinhos, remexidos na tona de água pela maré que entrava. Em nenhuma das casas em frente ardia uma vela, nem no Palazzo Dolfin, nem no Giustinian Persico. As lanternas ao lado das portas brilhavam tristemente como pequenos vaga-lumes cansados sobre uma folha de papel sujo. Uma gôndola passava indolentemente. O lobo lá em baixo na passagem começou novamente a uivar.

— Por amor de Deus! O que era aquilo? — gritou uma mulher, invisível sob a pequena cabina da gôndola.

O remador debruçou-se e disse em voz baixa:

— Aqui mora o poeta inglês louco, *poeta inglese stravagante*.

Byron escutava. Sobre a água ouviam-se vozes ao longe. O gondoleiro continuava a murmurar: em noites como aquela, ele transformava-se em lobo.

— O meu irmão viu-o saltar sobre os telhados e sobre o rio de Ca' Santi com um pulo imenso.

Byron ouvia a voz da mulher que gritava, incrédula, «*Ma dai!*»,



e tudo voltou a ficar tão silencioso como dantes. «Ótimo», pensou ele, «outra lenda. Durante quanto tempo correrá o lobo sobre os Alpes e pelo canal da Mancha até ser notícia nos jornais ingleses?»

Saiu da varanda e deu alguns passos pela sala do meio; parou, indeciso. Mesmo à esquerda, por trás da primeira porta, dormia Margarida Cogni, a quem chamavam de Fornarina.

Regressou à mesa de bilhar e dispersou desinteressadamente algumas bolas. Terminara há uns dias a primeira parte de um poema, uma obra como nunca lhe saíra outra igual; talvez passasse a ser o seu melhor poema. Iria ser um êxito, ressoar oportunamente nos ouvidos de alguns senhores da ilha. O seu editor iria lamentar: que não podia imprimir aquilo, aquilo não queria ele, sobretudo aquele. Os seus amigos aludiriam às suas considerações com suspiros — se é que lhe iam dar alguma importância.

Ao longo do verão, enviou cartas umas após outras, para Inglaterra, cartas suplicantes, aflitivas, coléricas. Mas não lhe respondiam, ou respondiam com um grande atraso, ou esqueciam-se de enviar o tão almejado pó dentífrico, o óleo de Macáçar, magnésio e soda, tudo pedido com tanta urgência.

Todos os dias deviam chegar notícias do seu advogado, o homem que se mostrara tão indeciso em ir a Veneza apresentar os contratos de venda do castelo da família de Byron. E o inverno aproximava-se; em breve, a passagem por Simplon ou Gotthard tornar-se-ia impossível. Nos últimos tempos, o lorde começara a suspeitar seriamente de que tudo aquilo era uma conspiração para o coagirem a ir para Inglaterra. Mas nem dez cavalos o arrancariam de Veneza — também, como? Naquela cidade só havia oito: os quatro de Byron, que estavam numa cavalaria no Lido, e os quatro de corrida por cima do portal da Igreja de São Marcos.

— Dinheiro, tudo acaba por girar em torno do dinheiro — resmungou Byron.

Tentou soprar uma das bolas para dentro de um dos saquinhos. A bola não se mexeu do lugar, e ele ficou tonto com o esforço do sopro.

Sem o rendimento da venda, a sua existência veneziana estaria arruinada, acabar-se-ia a confortável residência no Canal Grande, a casa de campo, deixaria de existir a horda de criados, o gondoleiro, a manutenção de luxo da casa, a exótica exposição de feras, os cavalos, as mulheres, o jogo da sorte, vinho e tabaco, bem como o privilégio de viver como George Gordon Noel, sexto Lorde Byron, Barão de Rochdale,

membro da Câmara dos Lordes ingleses; nunca mais seria livre de fazer o que sempre lhe agradara — fosse a liberdade para publicar um poema irreverente e provocador ou a liberdade para dormir com as namoradas que quisesse.

Largou as bolas de bilhar frias e atravessou a sala a tatear o quarto da Fornarina, que estirou sonolentemente os dedos assim que *milordo* se tornou palpável sob o lençol de linho. O que era de ter em conta, pensou Byron, evitando cautelosamente qualquer contacto. Sentiu o coração bombear pesadamente, como se areia molhada lhe comprimissem o tecido vascular, areia que engrossava até se concentrar em pedra. Num outro dia, ter-se-ia sentado à secretária. Era a altura em que a escrita se lhe tornava mais fácil, as ideias fluíam mais rapidamente, quando ele conseguia molhar a pena.

«Conversar», pensou ele, «será possível eu precisar de alguém para conversar?»

# *O mundo é a minha representação*

*Como mantimento para a viagem da vida  
(e para o resto da viagem, quanto mais cedo melhor).  
é também imperativo  
uma boa reserva de resignação,  
que temos de extrair primeiro das esperanças.*

A. S.



## *EQUANIMIDADE*

**M**ais tarde, Schopenhauer mal se lembrava do início da viagem. Há muito tempo que partira em pensamento, que deixara para trás a cidade, o país, as pessoas, muito antes do dia e da viagem que fez, de que não se conseguia nem queria lembrar. Queria resistir estoicamente, armar-se de equanimidade, sacudir adversidades, perigos, aborrecimentos, desgostos inevitáveis: como as gotas de chuva que rolavam pelo seu chapéu de feltro.

Bocejou e espreguiçou-se, encostou-se à coluna e deixou o sol atuar. Os moços de cavalaria desatrelavam vagarosamente os cavalos. No outro lado da praça o taberneiro da Rosa Branca saiu para a rua a apregoar estrepitosamente o almoço.

Fechou os olhos. Se tivesse passado alguém, ele teria visto um homem de trinta anos, com cabelos louro-acastanhados e encaracolados, com um corte que lhe deixava as orelhas à mostra e que também não tapava o início nem as partes laterais da sua testa alta; um rosto liso sem o sombreado da barba; as sobrancelhas do mesmo tom claro do tufo de cabelo, estreitas e moderadamente densas, com a forma de arcos de círculos suaves e planos; na testa o indício de uma ruga vertical no prolongamento da cana do nariz; a pele fina e branca, de qualquer modo sem qualquer vestígio de bronzeamento, e sobre as maçãs do rosto um ligeiro enrubescimento; o nariz, delgado, visto de perfil revelava-se numa

ligeira protuberância. Os lábios cheios, arqueados — para descrever as curvaturas da boca, o observador, por falta de adjetivos apropriados, lembrar-se-ia talvez do buraco da caixa de um violino. Impressionante era a pequena depressão vertical por baixo do nariz que desembocava numa sinuosidade em forma de V do lábio superior, conferindo-lhe algo de infantil. Aquilo não desaparecia quando ele abria os olhos, mas tornava menos suave o azul-claro e descorado da íris, e era totalmente possível imaginar-se também um olhar penetrante e furioso. A figura era robusta; as mãos, por outro lado, eram impressionantemente delgadas, de pele clara. Vestia umas calças de feltro de lã por cima das botas; uma camisa de linho, um lenço de pescoço de seda verde-escura, um colete preto com botões de madrepérola, por cima um sobretudo tipo inglês de golas altas e capa nos ombros; e, enrolado num dos bolsos do sobretudo, um chapéu de feltro. O castão de prata da bengala girava para abrir caminho e estava bem preso a uma lâmina reluzente e afiada.

No bolso esquerdo interior do colete repousavam o postal e a carta de Goethe, de novo cuidadosamente fechados dentro do envelope. Trazia o documento sobre o coração, como um escudo, e, apesar de detestar todo o tipo de superstições, agradava-lhe a ideia de lhe poder servir de talismã durante a viagem.

A carruagem voltou a rolar, em ponto, à hora marcada, sempre para cima do Elba distanciando-se rapidamente do rio, em direção a Pirna. Não se voltara para trás, nem uma única vez, não olhara pela janela, não participara na conversa, sentara-se direito, com os braços cruzados, sem querer mostrar, através de acenos ou suspiros melancólicos, que partia, que deixava a cidade, os variados confortos de quatro anos, uma espécie de terra natal e, sobretudo, uma biblioteca organizada. Não havia ninguém que o pudesse acompanhar à estação, que o pudesse ter impedido de partir, exceto, talvez... mas Karoline não teria vertido lágrimas por ele — porque o haveria de fazer? —, tal como ele não se foi despedir dela. Uma vida chegava ao fim, uma outra começava; o homem que um dia regressaria a Dresden não iria ser o mesmo que partira naquela manhã de outono.

## ADELE

**A**irmã de Schopenhauer era despachada, sensível e inteligente, só não era bonita; algumas pessoas achavam-na feia: olhos negros demasiado grandes, como dois pedaços de carvão que pareciam ter sido colocados desajeitadamente por miúdos travessos na cara oval de um boneco de neve; também o nariz, ligeiramente curvo, parecia não estar no sítio; a sua voz soava cortante; a postura e os movimentos de Adele Schopenhauer eram tudo menos agradáveis e graciosos.

No seu conjunto, isto dava azo a que muitos homens desviassem o olhar dela; embora o verdadeiro motivo do mal-estar que sentiam com a sua proximidade tivesse pouco a ver com a sua aparência e muito com a sua inteligência. Ela sonhava casar, mas, no mercado casamenteiro de Weimar, quase ninguém mostrava interesse por Adele; nem quando se relacionava de vez em quando com um ou outro cavalheiro e se comentava muito a sua vida e se espalhavam rumores, nem quando se julgava que a sua mãe era rica e que a sua herança seria consideravelmente elevada. Ela também não se deixaria levar por qualquer um.

Adele Schopenhauer partilhava com entusiasmo os namoros das suas amigas. Podia-se confiar nela, a sua amabilidade era bastante solicitada e Adele estava sempre disponível. Ninguém levava a mal que os seus conselhos fossem inspirados em leituras de romances e recolhidos e vivenciados no papel de espetadora. Só quando se tratava de dece-

ções é que ela falava com a autoridade de quem passara pela experiência. Sentia as rejeições sofridas pelas pessoas que lhe estavam próximas como se lhe fossem infligidas a si própria. Se as informações concretas fossem escassas, a fantasia compensava a falta das mesmas e afugentava o temor e a preocupação. Muitas vezes, agarrava-se a coisas que não podia ou não conseguia ter, sendo o amor (ou o que ela por isso entendia) a mais significativa delas.

Só de manhã é que ficou a saber da partida do irmão por Quandt, que estava na estação de Weimar a caminho de Frankfurt. Quandt, um comerciante próspero, vivia em Dresden, onde encontrara muitas vezes Schopenhauer na Biblioteca Nacional ou nas melhores hospedarias. Aqueles dois, pensou Adele, faziam um par peculiar: o bondoso, cosmopolita e conversador Quandt, e o seu impaciente, sarcástico e solitário irmão.

O comerciante, um homem de constituição quadrada, pegou nas mãos de Adele enquanto conversavam à entrada do portão — o cocheiro estava à espera ao lado dos cavalos — e disse com grande comoção, como lhe era próprio:

— As pessoas trataram-no muito mal, querida Adele. Os fortes quiseram fragilizá-lo, os egoístas pregaram partidas terríveis ao seu coração ingénuo.

Na verdade, Quandt queria ter ficado apenas uns minutos, e Adele ter-lhe-ia servido com prazer um pequeno-almoço na sala de visitas. E agora tecia elogios ao seu irmão e não queria parar, de maneira nenhuma.

«Coração ingénuo?», pensou Adele, «tudo menos isso; certamente que o Arthur não pretende suportar nem ignorar a estupidez».

Finalmente, Quandt largou-lhe as mãos e deu um passo atrás.

— Adele, não acha que o Arthur tem dificuldade em fazer amigos porque tem dificuldade em respeitar as pessoas?

— Também tu tiveste de passar por isso, meu bom Quandt; quem é que o Arthur não feriu? — Reprimiu um suspiro.

Quandt começou a andar, parou e prosseguiu com o seu elogio:

— Para o nosso amigo voltar para as pessoas, temos de descobrir um íman que o puxe para o círculo da vida e o retenha.

— Talvez Itália consiga esse milagre — disse ela, levantando ligeiramente a mão, debilmente, sem energia, e a seguir um pouco mais alto, para acenar a Quandt.

Ficou a olhar por uns momentos para a carruagem. Depois, subiu as escadas de casa. A mãe estava à janela.



— Com franqueza, esse Quandt é demasiado sentimental — disse Johanna Schopenhauer. Então, para Itália?

— Sim — disse Adele. — Não sei porquê, receio por ele.

Johanna continuou a olhar pela janela e murmurou:

— O teu irmão só tem o Händel, não tem quaisquer contactos com o mundo, não faz por isso, portanto não resulta.

— O seu livro filosófico está terminado — disse Adele —, deve ser editado na Michaelis, pelo Brockhaus.

Filosófico, pensou Johanna, tal como o primeiro, a tese de doutoramento, a obra com o título indizível que anunciava qualquer coisa como uma raiz quadrada. Ela troçara dele, mas muitas vezes ele não entendia uma brincadeira, sobretudo à sua custa, nem sequer para divertimento da mãe, e voltara a ter a uma discussão terrível, que Adele, depois de recear ser rudemente repudiada pelos dois após uma tentativa tímida de intervir, teve de suportar no seu quarto, com as mãos a tapar as orelhas, impressionada com a discussão. Adele tinha medo daquele livro.

— Zangou-se connosco, e agora zanga-se com todos os outros — disse ela.

Johanna voltou-se e Adele reconheceu no rosto da mãe um prazer de troça demasiadamente conhecido.

— O mundo — disse ela — tem estado à espera do livro do Arthur, e, seja como for, vai dar-lhe isso a conhecer e a sentir, disso tenho eu a certeza.

Vinda do largo aproximava-se uma carruagem. Quando passou pela casa de Schopenhauer, Johanna viu um homem espreitar pela janela: uma cabeça imponente, um penacho de cabelos esfiapados. Não o conhecia, mas tinha uma vaga suspeita, uma vez que a carruagem ia na direção de Frauenplan, onde vivia Goethe.

O conselheiro de Estado regressara há pouco tempo de Karlsbad, sendo já esperado ansiosamente, pois só com ele é que a sociedade de Weimar funcionava devidamente, produzindo na cidadezinha o alvo-roço apreciado e não apenas pelas senhoras Schopenhauer. Encontraram-se de repente no teatro da corte e de novo na noite anterior — e quando a conversa desse dia lhe veio à memória, Johanna lembrou-se de quem era o homem na carruagem.

— Adele, depressa, chega aqui — chamou ela.

— Quem é que queres que eu veja?

— Aquilo, minha filha, é o rosto da filosofia, com quem o teu irmão vai ter de medir forças.

Mas Adele só via um homem que podia perfeitamente ser um negociante de gado ou de vinhos, um livreiro ou um engenheiro de minas.

À tarde, Goethe apareceu invulgarmente cedo para o chá. O seu convidado, o viajante filósofo Hegel, não se queria levantar do sofá, e só o fez quando ele, Goethe, lhe explicou que tinha um compromisso social urgente.

Adele Schopenhauer acabara de pôr de lado uma folha de papel preto e as suas tesouras. Afastou os utensílios para longe de si, para mostrar a Goethe que estava atenta.

Que aquele Hegel, dizia Goethe, entusiasmado, estivera na iminência de um grande futuro em Berlim, na cadeira de Fichte, que há muito tempo não estava ocupada, mas perguntava-se seriamente se o rei prussiano podia sustentar aquele homem — tendo em conta o que o filósofo devorava ao almoço. Que, aliás, o professor acrescentara muito aos anseios terrenos, que mal tinham falado sobre filosofia, o que também não tivera importância alguma. Que Hegel referira que estava muito feliz, pois o gabinete de Berlim pagara a mudança à sua família, concedera-lhe uma verba para mobília e livros, iam aceitá-lo, sem grandes demoras, no fundo real de pensões da Prússia para viúvas e órfãos. Iria desferrar-se daquilo e de outras afabilidades com a leitura inaugural; nela enalteceria «a vida espiritual como momento fundamental do Estado;» aquele Estado prussiano, «que me recebeu» e o deixara lecionar na Universidade Central, a esse atribuiria a luta da libertação dos alemães que terminara há três anos com a vitória, incluindo «a destruição da tirania estrangeira e cobarde do poder moralista do espírito,» rechaçaria a insipidez geral dos interesses, desmascararia a superficialidade das opiniões. E afirmaria que a filosofia se refugiara nos alemães e que continuava a existir neles, pois era algo que se ouvia com prazer em Berlim.

Goethe falava com entusiasmo, imitava até o dialeto suábio do professor, mas Adele não prestava muita atenção, embora olhasse para ele atentamente e, de vez em quando, sorrisse e acenasse com a cabeça, de uma forma totalmente mecânica. Como seria a sua vida, como teria sido a vida dos três Schopenhauer que restavam sem aquele homem em volta de quem elas, as duas mulheres, gravitavam tão confiantemente no meio do turbilhão de todos os outros satélites; até um cometa como Arthur voara uma vez para fora do seu campo de forças, lançado a ca-

minho — quem sabe de onde; de qualquer modo, não de Berlim, nem de uma caixa de pensões de viúvas e órfãos, como se tornara evidente, tão evidente para Adele, quando voltou lentamente a deslizar para a história de Goethe, que estava precisamente a descrever a despedida do professor e de como ele lhe perguntara se ele e a sua mulher não queriam adiar a continuação da viagem, pois a famosa cantora Catalani ia apresentar-se pela última vez na corte, e como a mulher de Hegel estava a ficar muito agitada, o professor recusou com um gesto e disse que esperava chegar ainda naquele dia a Jena, e que, aliás, a sua mulher iria poder assistir às óperas que quisesse em Berlim — se ele conseguisse que o ministro lhes oferecesse uma assinatura, grátis, naturalmente.

— Pois é, com os filósofos é assim — disse Goethe —, exceto, naturalmente, com o nosso jovem homem; mas esse já há muito que deve estar a respirar os ares amenos de Itália, não é, Adele?



O ROXO REVELA FIRMEZA

S chopenhauer gostava de andar no *cabriolet*; a parte de trás da carroçaria do carro era uma espécie de varanda. Tinha todo o banco traseiro para si e desfrutava da viagem como de uma ida a um teatro sem espetadores, cujos trabalhadores estavam constantemente a empurrar cenários novos para o palco, para a esquerda e para a direita; a Lua em quarto crescente acrescentava um moderado foco de luz. No *cabriolet* viajava-se voltado para trás, não para o destino, mas de longe para de onde se tinha vindo, e ele gostava disso, de observar a distância a aumentar.

Uma hora antes, passara a fronteira da Boémia. A alfândega de Petrovice ficava em baixo, no vale, umas luzes cujo brilho mal se divisava. Dentro de pouco tempo chegariam ao vale da antiga rota do sal entre a Saxónia e a Boémia. Em pequenas depressões de terreno, o nevoeiro que pairava sobre o prado confundia-se, como um véu delicado, com um lago de leite diluído. Era um espetáculo belo e tranquilo.

— E o senhor? Ainda é novo! Não será por acaso um dos nossos corajosos combatentes do Corpo de Voluntários?

Durante uma hora (comprada com uma boa gorjeta), os três homens, caixeiros-viajantes, puseram a rodar garrafas de vinho e recordaram os seus heróis derrotados, prussianos e austríacos, as investidas, as retiradas e os combates, celebrando-os em canções gritadas, a elevação da aldeia de Naklerov, o antigo campo de batalha que ficava numa

área fracamente iluminado pelo luar, em declive para sul e, para este e oeste, ligeiramente elevado, como um livro aberto inclinado para a frente, a meio a estrada de poeira branca, como uma fita para marcar livros. Era difícil avaliar toda a sua extensão.

Três figuras cambaleantes olhavam para o passageiro do *cabriolet* com um ar expetante, um dos três repetiu a sua pergunta disparada roucamente. Schopenhauer julgava que iria, por fim, continuar a balançar-se no *cabriolet*. Sentiu uma irritação trepar por ele acima, o desejo de responder de modo grosseiro. Corpo de Voluntários, a coisa alemã? Como se naquele tempo não tivesse havido nada mais importante: tão-pouco como atualmente.

— O fumo da pólvora provoca-me acessos de catalepsia — disse Schopenhauer, esforçando-se por pôr um ar de quem pede desculpa —, e desde que fui forçado, ao entrar na adolescência, a assistir à matança de um touro, fico completamente estarecido perante a visão de sangue derramado e coagulado. No campo de batalha, não teria praticamente utilidade nenhuma; por sorte, sabia que o fim vitorioso da guerra estava em mãos mais apropriadas do que as minhas.

Na verdade: um patriotismo insuportável, pululante, expulsara-o da universidade e de Berlim no início do verão; pelo caminho, grupos prussianos que recrutavam por meio de emboscadas pregaram-lhe um susto; os franceses tinham acabado de se entrincheirar em Dresden; em Weimar, o inquilino da mãe aborrecia-a — uns dias chegavam para Schopenhauer prosseguir o seu caminho até Rudolstadt; um sítio de que se esquecia assim que se lá chegava. Não lia jornais e não prestava atenção quando o taberneiro servia, com as refeições, as novidades da guerra da independência.

Os três caixeiros-viajantes olharam com um ar duvidoso. Schopenhauer tomou balanço com o braço:

— *Sobre a raiz quadrada do axioma a partir de fundamentos adequados*, é este o título da minha tese de doutoramento, que escrevi enquanto corriam todos para as armas. Deixe-me explicar os vinte e quatro parágrafos mais importantes, que estarão relacionados, de certa forma, com a questão implícita na frase: «O nada não tem fundamento, porque existe e não existe nunca», o que, meus senhores, cada um de vocês compreende imediatamente...

— Ora... é... devíamos... prosseguir rapidamente viagem — disse um dos caixeiros-viajantes, dando imediatamente um passo na direção da carruagem.

— Uma raiz quatro vezes queimada? — murmurou um outro.

Com um ligeiro estalar do chicote, os cavalos partiram. Passado pouco tempo, tiveram de se apoiar devido ao impulso da carruagem. O condutor estava constantemente a saltar para fora a fim de colocar um calço à frente da roda direita traseira; o ferro deslizava sobre as placas rochosas lançando faíscas e guinchando.

Schopenhauer riu para dentro e olhou ainda durante um instante para o prado da elevação de Nollendorf. As manchas esbranquiçadas que facilmente se podiam confundir com pedras do tamanho de uma cabeça, contara um dos passageiros, eram nem mais nem menos do que os crânios descarnados dos mortos que os nativos tinham saqueado e que não atiraram para as carretas funerárias.

E enquanto se estendia no *cabriolet* de uma das carruagens que descia estrepitosamente do cume das montanhas da Boémia para ir dar à bacia do Kulmer, sonhava acordado que uma gôndola ondulando suavemente entrava num casino bem iluminado.

Schopenhauer passou a viagem pela Boémia e Mähren num estado de total indiferença apática, tal como planeara. Enquanto as carruagens rolavam sobre a planície ondeada e despida de árvores, em manhãs e tardes frescas, em noites frias e dias quentes, ele deixava-se ficar sentado imóvel à janela, a olhar lá para fora. Os dias desintegravam-se em inúmeras partes sob o bater dos cascos; o latir do rafeiro que corria na estrada atrás da carruagem era o latir do cão que os saudaria na aldeia seguinte. As badaladas do relógio do campanário ao longo do caminho, cada uma a seu tempo, atiravam os viajantes para a frente e para trás. O embarcar e o apelar dos passageiros interrompia e dava início a conversas, expulsava e trazia odores e ruídos.

Embora a distância até Viena fosse apenas de quarenta e duas milhas, passou uma semana inteira nas piores estradas da Europa, sacudido em carruagens, polido como um berlinde num moinho de bolas. À noite, havia sempre a perspectiva de uma cama numa hospedaria que Procrustes<sup>1</sup> devia ter preparado pessoalmente, pois infligia

---

<sup>1</sup> Procrustes era um bandido que vivia na estrada que ligava Mégara a Atenas. Na sua casa tinha uma cama de ferro com o seu tamanho exato, para a qual convidava todos os viajantes a deitarem-se. Se os hóspedes fossem demasiados altos, ele amputava o excesso de comprimento para os ajustar à cama, os de estatura pequena eram esticados até atingirem o comprimento suficiente. Continuou o seu reinado de terror até que foi capturado por Teseu, que prendeu Procrustes na sua própria cama e lhe cortou a cabeça e os pés, aplicando-lhe o mesmo suplício que infligia aos seus hóspedes. (*N. da T.*)

sofrimentos de todo o tipo. Parasitas e vapores nauseabundos saíam de sacos de palha e obrigavam as pessoas a dormir todas tortas, em posições extremamente dolorosas.

Entre Collin e Caslav partiu-se uma roda. A carruagem tombou de lado, como um barco que vai de encontro a um banco de areia e cai na vala. Schopenhauer saltou a tempo; os outros passageiros caíram uns por cima dos outros e ficaram ali a praguejar e a apalpar as suas nódoas negras. Observou a tentativa, de várias horas, para concertar os raios partidos das rodas, aconchegado no sobretudo, aquecido pelo sol que lhe batia de lado, sentado debaixo de uma árvore, meio adormecido, submerso em visões imaginárias meio esbatidas, pois conhecia a estrada e algumas das hospedarias, onde costumava comer, dormir ou esperar pela muda de cavalos. E lembrava-se de como a tentação de uma viagem quase o conduzira ao seu futuro de filósofo.

— Proponho-te um negócio — diz Heinrich Floris Schopenhauer, o comerciante, ao seu filho de quinze anos. — Ou fazes uma longa viagem comigo e com a tua mãe, que durará mais de um ano, na qual irás conhecer Londres e Paris, a costa do Mediterrâneo, montanhas e lagos na Suíça, o fausto de Viena e Dresden... ou entras ainda este mês no liceu e prossegues a carreira académica na universidade, como parece ser o teu desejo.

Arthur estava de pé em frente ao pai, no escritório sombrio da filial de Hamburgo. Vê o isco, vê o anzol. Sempre direto, como é próprio dele, o comerciante anuncia o seu preço:

— Mas, se escolheres a viagem, durante a qual poderás usufruir de todas as liberdades que com a tua idade e os teus conhecimentos te competem, nesse caso, prometes-me, aqui e agora que, quando regressarmos, irás aprender o ofício de comerciante para eu poder passar-te o meu negócio.

Em cima da secretária está um pequeno globo; o velho espera, observando o filho com uma expressão inquiridora. Com o polegar e o indicador põe o globo a rodar velozmente.

O jovem agarra o isco. Do anzol não há vestígios.

Quinze anos e meio mais tarde, Arthur Schopenhauer, doutor de Filosofia, estava sentado debaixo de uma árvore em Mähren, no meio de um campo que crescera a olhos vistos, cheio de folhas amarelo-alaranjadas, e viu um Sol vermelho-escuro pôr-se num belo jogo de cores,



amarelas as nuvens, o céu do azul ao vermelho, em todas as matizes. Lembrou-se de uma tabela de palavras da teoria das cores de Goethe:

Púrpura, roxo, azul-claro, verde, amarelo-claro, cor de laranja  
fazem azul-claro  
Púrpura, roxo, azul-claro, verde, amarelo-claro  
fazem azul mais escuro  
Púrpura, roxo, azul-claro, verde  
fazem azul ainda mais escuro  
Púrpura, roxo, azul-claro  
fazem azul-avermelhado  
Púrpura, roxo  
fazem *roxo*  
o roxo  
revela firmeza.

Goethe, pensou ele, depois de o Sol ter desaparecido e ter deixado atrás de si uma cor algures entre o violeta e o preto, com o devido respeito, não deixa que ninguém se aproxime dele.

*Desejo ver o Senhor Doutor Schopenhauer em minha casa às onze horas, de preferência às dez e meia, para aproveitar os primeiros e claros raios de sol.*

Numa manhã de janeiro, o moço de recados deu a notícia. Johanna Schopenhauer estava à porta com o bilhete na mão quando Arthur desceu as escadas a correr.

— Correspondes-te com Goethe? Isto é: ele corresponde-se contigo?

— É verdade — disse Schopenhauer, incapaz de conter um orgulho exaltante.

— Vê lá, pardal, não sobrevoes a águia — disse Johanna —, a águia não gosta nada que o façam.

Sob a luz fraca do sol de inverno, o escritor e o jovem filósofo manuseiam todo o tipo de lentes, prismas, espelhos, vidros translúcidos, quebra-luzes transparentes e cartolinas com figuras geométricas a preto-e-branco pintadas a tinta-da-china. Algumas das folhas de cartolina giram como moinhos de vento. Os dois homens, o jovem e o velho, olham através dos prismas para constatarem o aparecimento da orla de cor nas transições de claro para escuro para claro e a fim de compararem com as tabelas e os quadros coloridos, que Goethe acrescenta à sua teoria das cores. A seguir, põem os instrumentos

de parte, bebem chá e filosofam. Schopenhauer sente-se nas nuvens, ou melhor: no Olimpo, com um deus do Olimpo real, ele, o dali em diante eleito dos salões da sua mãe, que costumava frequentar de má vontade e com um semblante taciturno. Goethe, que folheara com prazer a tese de doutoramento de Schopenhauer, avalia se o filósofo, quando era mais novo, tinha algum valor como discípulo e se aquele alguma vez foi um pregador da pernicioso e totalmente falsa teoria das cores de Newton.

Johanna tinha razão. Pouco depois do início promissor, a águia deixou de sentir o adejar genuinamente entusiástico do pardal (que, em alguns pontos da teoria das cores — para a origem do violeta e em particular do branco —, não pode nem quer concordar) como lisonjeiro e eleva-se na sua altitude solitária.

Num dia de maio, Schopenhauer foi a casa de Goethe. A eternamente frágil estrutura que dá pelo nome de família Schopenhauer acaba de lhe passar pela cabeça, numa última e grande erupção. Espera um prefácio bonito do escritor, secretamente consolador, de forma a que a viagem para Dresden, onde está iminente a missão da sua vida, comece bem. Irá receber amável e descontraidamente e apresentar os costumes de acordo com a sua versão.

— A cor é feita do escuro, do claro e do turvo sobre ou no objeto iluminado pela luz — diz Goethe, como se tivesse de mostrar a posição imutável das coisas.

— Mas — contesta Schopenhauer —, sem um olho que reconheça esse objeto, não haveria absolutamente cor nenhuma, nenhum objeto, nenhuma luz.

O escritor suspira, puxa o álbum para si e diz:

— É isso que pensa: a luz só lá está na medida em que a vê?

Schopenhauer, com a desagradável sensação de ter falado num tom demasiado decidido, anuiu com um ar moderado e absteve-se de tecer novas considerações.

— Não, não, não — disse Goethe, fitando-o com olhos brilhantes de Júpiter: — *Você não estaria aí se a luz não o visse.*

Ainda na porta em arco, Schopenhauer abriu o álbum e sentiu o que leu como uma ligeira pontada no estômago:

*Se queres regozijar-te pelo teu valor,*

*O mundo terá de to reconhecer.*

— Provérbios — murmurou ele, desagradavelmente. Mas aquilo que Goethe lhe tinha acabado de dizer no escritório era, de algum

modo, um reflexo da frase com a qual o filósofo iria começar a sua grande obra: *o mundo é a minha representação*.

Pepinos azedos fazem a fama da cidade de Znaim, em Mähren; de resto, Schopenhauer também não conseguia ver nada que merecesse referência. Um companheiro de viagem comprara uma vasilha de pepinos que não resistiu aos solavancos da viagem, perdendo a tampa e entornando-se no chão sobre as botas dos passageiros. No final da tarde, após várias horas a levar com um cheiro azedo (como gostaria de estar no *cabriolet*; mas, naquela carruagem, não havia nenhum), Schopenhauer foi ao Hotel Kaiser da Áustria, em Hollabrunn. Antes de se deitar, entregou a uma camareira o sobretudo, a jaqueta e o colete, amarrotados por dias e noites de viagem em carruagem e, por último, sinistramente perfumados com aromas avinagrados. De manhã, quis reaver as peças de roupa, arejadas e engomadas a vapor. Esvaziou os bolsos e recuperou do colete a carta e o postal de Goethe. O próximo lugar seguro pareceu-lhe ser a carteira; deitou-se, colocando-a debaixo da almofada.

— De onde, para onde? — perguntou o funcionário da alfândega que estava de serviço na Linha N.º 1 de Viena.

Os viajantes tiveram de entrar uns atrás dos outros na sala abobadada. Um pouco de luz do dia penetrou através de uma pequena janela; o resto da cúpula era fracamente iluminada por lamparinas a óleo suspensas sob um teto ferrugento. Entrincheirado atrás de uma escrivaninha alta, um funcionário estava sentado, ou de pé, visível para Schopenhauer só da ponta do nariz até ao quinto botão do uniforme, na verdade, uma boca apenas coberta por um bigode, pois a pala do boné deixava na sombra os olhos e grande parte do nariz.

Schopenhauer estendeu o braço para lhe entregar o passaporte. O funcionário da alfândega desdobrou o papel e pegou numa lamparina a óleo para alumiar. Schopenhauer viu o feixe de luz brilhar através do papel; o funcionário examinou-o como se estivesse a passar com um pincel por cima, sem deixar nenhum sítio por pintar.

— Ele é médico?

— É verdade.

— E então, o que é que ele cura? — perguntou a boca retorcida num sorriso irónico.

— Tanto quanto sei, a estupidez e a ignorância das pessoas — disse Schopenhauer.

— Ah, bom, nesse caso, vai ter muito que fazer neste mundo — alegrou-se a boca, exibindo uns dentes castanhos.

— Ofereço-me para dar imediatamente uma prova da minha arte — disse Schopenhauer, fazendo o seu melhor sorriso de comerciante.

— Ah, quem...? — E nisto a boca parou, apertou os seus lábios um contra o outro, formando uma foice, e, com os cantos descaídos, disse, irritada: — O que é que ele se permite fazer? Que espécie de doutor é ele? Então, não é de medicina?

— Não. De filosofia — disse Schopenhauer. Pensou se deveria ensaiar a teoria da quádrupla raiz que surtira um excelente efeito com os caixeiros-viajantes na elevação de Naklerov.

— E então, para onde é que ele quer ir?

Schopenhauer suspirou alto.

— Para Veneza, e mais longe, passando por Viena e Villach. Como está pormenorizadamente descrito no passaporte.

— Então, ele que não seja impertinente. Ele que despeje a mala em cima da mesa. Ele tem consigo cartas fechadas?

Eis senão quando se lembrou novamente. Mesmo assim, enfiou uma mão tateante no bolso do colete.

Passado pouco tempo, o funcionário tirou o livro do expediente da gaveta. Não podia negligenciar a situação — era delicada e a sua resolução dependia em última instância de ordens superiores.

Escreveu:

*Hoje na alfândega imperial de Stockerau; por volta da 01h30 da tarde, chamou-nos a atenção um doutor de filosofia, Arthur Schopenhauer; vindo de Dresden, via Praga e Znaim, com a mala-posta; declarou estar de viagem com destino a Veneza, passando por Viena e Villach; o acima mencionado apresentou uma...*

Aqui o funcionário hesitou. Ninguém devia contornar o correio imperial. Dificilmente podia mencionar a carta de recomendação no envelope fechado, pois, devido a leis e regulamentações, teria de a confiscar, o que não aconteceu, em troca de meio ducado muito bem-vindo — o posto de censura da corte apanhá-lo-ia num abrir e fechar de olhos. Riscou o mais cuidadosamente possível as duas últimas palavras. Depois, continuou:

*O acima mencionado explicou que em Veneza queria visitar, através de uma recomendação verbal do conselheiro particular de Goethe, um tal de — meu Deus, como é que se escrevia? — Lord v. Beiron, um*

*inglês que ali se encontrava. De resto, não havia nada a apontar, nem relativamente ao passaporte nem ao que quer que fosse.*

Aliviado, o funcionário fechou o livro.

— Rápido demais! — repreendeu-se ele.

E voltou a abri-lo, pois, como era óbvio, faltava ainda o final digno do processo, o duplo som maravilhosamente abafado de uma pancada de carimbo executada com energia e como mandava a lei. Tocou levemente com as pontas dos dedos nos punhos dos carimbos disponíveis. Depois: primeiro, levantar a tampa das almofadas dos carimbos com o dedo médio e o anular da mão que manejava o carimbo (com um som nítido e metálico, bateu no tampo da mesa); uma pressão calculada por uma longa experiência (tendo aqui em conta: a capacidade de absorção do papel e o nível de preenchimento das almofadas) sobre a superfície preta aveludada e luzidia, o amortecimento do carimbo, o deslize da sua passagem no movimento final (o ideal seria uma órbita parabólica), o baixar do carimbo sobre o sítio almejado num embaite incondicionalmente vertical — e, a seguir, o levantar imediato sem deslize, volta ou esticão para o lado, o que só danificaria a marca forte e nítida: era assim que devia ser, assim que se fazia.



## CARBONARI E SATELLITI

O príncipe Klemens Metternich bocejou, mergulhou por um instante o polegar e o indicador numa tigela com água e puxou para si um monte de papéis: do aparato destilavam informações do controlo de fronteiras, de postos alfandegários, listas de passaportes emitidos e o que o seu clube de funcionários públicos produzia normalmente — a maior parte, uma pilha de disparates sem importância; mas, no meio de tudo aquilo, o secretário de Estado conseguia encontrar, com frequência suficiente, algumas pérolas. Sabia perfeitamente quem é que naqueles dias passava as fronteiras para a Áustria e as suas muitas províncias, quem passava nas cidades, quem se hospedava nas hospedarias; além disso: quem frequentava quem e em que círculos, quem lia, escrevia ou editava que livros, os livros que lia, escrevia ou editava, quem redigia que jornais; quem os imprimia, expedia, quem os lia; quem se revoltava por causa de cargas tributárias; quem levava mensagens ignorando o correio imperial e, por conseguinte, o posto de censura da corte; quem dava nas vistas no aniversário do imperador por grosseria ou ignorância; quem faltava ao respeito à Polícia, insultava funcionários imperiais, quem não se comportava com a devida submissão — interessavam-lhe todos os que, no melhor sentido da palavra, lhe parecessem suspeitos.

Metternich tirou uma folha do monte.

*B. passou no Café Florian na Praça de São Marco na quarta-feira à noite e ouviram-no descrever, num grupo de alguns rebeldes oficialmente conhecidos do círculo da Carbonari, o povo italiano, sobretudo o da Lombardia-Véneto, como um dos povos mais oprimidos da Europa.*

Byron era, de uma forma muito especial, uma pessoa estranha, claro. O chefe da Polícia austríaca de Veneza, Anton von Vogel, senhor dos *satelliti*, o informador assalariado, redigia zelosamente processos sobre as atividades e os movimentos dos lordes ingleses; e estes eram sempre o auge da leitura semanal de Metternich.

*Que B. não estava disposto a limitar os seus casos indecorosos às quatro paredes do seu palácio tornou-se óbvio quando uma antiga amante de B. provocou um alvoroço em frente do portão traseiro do Palácio Mocenigo, o que atraiu muitas pessoas. A dita amante, uma mulher do povo conhecida por «Fornarina» (a mulher legítima de um padeiro do Bairro de San Polo; ergo a alusão ao forno) não se conseguiu conformar com o facto de B. se ter fartado dos seus serviços, e por isso desatou a bater com os punhos no referido portão, a berrar estrondosamente e a chorar baba e ranho; rasgou a sua própria roupa e destapou aquilo que em público deve estar tapado. Por volta da meia-noite, as portas foram inesperadamente abertas e a dama esgueirou-se rapidamente lá para dentro. In summa, os acontecimentos da semana mostram que B. não está sozinho em termos éticos, mas que constitui sobretudo um perigo como agitador em Veneza. Do ponto de vista das autoridades policiais, é mais do que lamentável que (ainda) — não haja motivo para tomar providências relativamente a B., empregando a lei com toda a severidade.*

Metternich afastou a lamparina de óleo para o lado e ficou a olhar por uns momentos para a sala fracamente iluminada. «Byron», pensou ele, «está neste momento a atravessar a noite, talvez a escrever uma nova epopeia, provavelmente a amar a sua *dama*. Com certeza que sabe que o estamos a vigiar.»

Porque é que o homem se tinha de intrometer na porcaria da política? O príncipe apagou a vela com um sopro e levantou-se. Levou muito tempo até os seus olhos registarem a luz pálida das lanternas da Ballhausplatz. Metternich começou a tatear, desviando-se cuidadosamente da pilha de documentos. Noutros tempos, conhecera Byron de forma diferente, muitas vezes, e com prazer, de obras do lorde declamadas em público. Tentou lembrar-se de cor de uns versos quaisquer; antes tinha sempre alguns ao dispor, agora só lhe ocorriam as banalidades com pássaros.



Era este o preço que se pagava quando se tentava unir a Europa, tal como estava, a boa velha disciplina, o bem equilibrado poder, a previsibilidade das suas intenções. Quem vibrava com isso, ou também só o entendia vagamente, era inimigo, tanto fazia ser poeta como lavrador.



DON JUAN

Byron piscou os olhos defronte do manuscrito.

**B***I want a hero, an uncommon want,  
When every year and month sends forth a new one,  
Till, after cloying the gazettes with cant,  
The age discovers he is not the true one.*

Aquilo era bom? *A new one — the true one — Don Juan.* Em todo o caso, condizia com o herói. Don Juan, que fora para o Inferno, provavelmente antes de tempo, se bem que não imerecidamente.

Decidiu rever as folhas do primeiro canto; olhou fixamente com os olhos semicerrados para a sua letra apressada e deformada pela hora tardia, o vinho e as ideias que se atropelavam. «De vez em quando», pensou ele, «devia acrescentar mais qualquer coisa, a quem é que pode ser útil toda esta elegante moderação? A mim não.»

A carta já devia ter chegado a Londres há muito tempo. «Fui demasiado estúpido», pensou ele, «nunca ter podido lá estar para assistir a este espetáculo.» Local: um gabinete na Albermale Street; por baixo do retrato do lorde e poeta, vestido com um traje grego, a *dramatis personae*:

O editor Murray está constantemente a andar de um lado para o outro, com uma cara desgastada pela preocupação, nervoso com o

vislumbre de um novo poema épico, acompanhado por dúvidas silenciosas relativamente ao próprio autor; de outro modo, seria um pouco permissivo para estes tempos demasiado preconceituosos. E os amigos, ponche a exalar vapores do copo, esgotado da tensão, já bastante enterrado no sofá. Aqui Hobhouse, pronto para defender o amigo de quem quer que fosse (e para, sendo necessário, o proteger de si próprio); ali Kinnaird e Moore, acabados de entrar, a acenar com a temida carta do poeta. Por isso, o rosto de Murray reflete aquela mistura de receio e ansiedade.

«Ora, Murray», pensou Byron, «o mais desgraçado de vós os quatro, tu e o teu delicado dilema: tens de terminar a obra de arte, estimular o teu manancial mais fértil numa efervescência viva — e (neste manancial) desodorizá-lo dos seus odores sempre com um vapor de enxofre crescente, desodorizá-lo moderadamente, de modo a que, por um lado, a tiragem prospere e, por outro, a censura não erga a sua cabeça repulsiva.»

A ideia deu-lhe prazer. E o prazer, juntamente com o desespero e a raiva, gerava sempre os melhores versos.

Folheou e folheou e decidiu começar pela dedicatória: uma reapreensão metódica e mordaz numa estrofe à maneira da *ottava rima*: primeiro seis linhas de rima cruzada, para um bom final duas seguidas, num bonito balanço um pentâmetro jâmbico, trabalhado simetricamente a duas mãos, como um pugilista a treinar com o saco de areia. Após algumas linhas, Byron descobriu o ritmo e a raiva que deram origem àqueles versos: esquerda, direita, esquerda, direita, esquerda, direita, duas no meio: no meio da cara de Bob Southey.

É que aquele denunciante arrogante (e poetastro desprezível: caso contrário não o teriam nomeado poeta da corte) vagueava, naquela altura, por Londres e fabulava com um semblante sério sobre uma «relação incestuosa», que Byron, Shelley e as duas mulheres tinham celebrado quando viviam na Villa Diodati, em Génova. Southey deve ter estado com os viajantes que mandaram vir um telescópio enquanto tomavam chá no terraço do Hôtel d'Angleterre para observarem os acontecimentos na outra margem. O que não se via era acrescentado pela fantasia: o harém de Byron, a atividade animada e enviesada dos moradores. Quando se julgava conhecer os ingredientes, tinha de se esperar pelo prato cozinhado para se sentir o sabor na língua?

«E porque é que o lorde teve de deixar a ilha?», sussurrou Southey, de modo a que todos ouvissem: não foi só por causa das dívidas.

Quais eram os rumores que corriam acerca da sua meia-irmã? Que ele passava mais tempo com ela do que com a mulher, que, por causa disso, lhe fazia a vida negra e que, por meio de advogados, o afastara das suas amantes desiludidas e de outros intriguistas? Mas isto desvanecia-se contra a outra, a coisa indizível; as pausas constrangedoras e os olhares insinuantes tornavam a conversa tão fantástica e tão social como a efervescência do champanhe. Um *snob* culto podia exprimir-se assim: quando, um dia, a porta do Inferno de Dante se abriu para o lorde, atribuir-se-lhe-á um lugar no terceiro anel do sétimo círculo para expiação dos seus pecados. Nem todos sabiam que tipo de pecados ali se cozinhavam, mas basta a referência de Southey: lembra-se? Quando a Polícia imperial vasculhou o Cisne Branco e descobriu no quarto dos fundos uma dúzia de rapazes, novos e velhos? Seis deles foram postos no pelourinho de Haymarket.

Como se aquilo não bastasse, acrescentou um: o tenente Hepburn e o seu sensível tocador de tambor acabaram na forca.

Enquanto Byron despachava o maldito Southey com vilezas ao ritmo da *ottava rima*, foi novamente arrebatado pela raiva dos seus amigos. Estariam à espera de que regressasse à ilha e mendigasse civilizadamente que o acolhessem na sociedade que o expulsara? Absurdo. Além disso, havia demasiadas contas a prestar, não é verdade, Southey, não é verdade minha Lady Byron? — não, eles consolaram-no, o amavelmente banido.

Escreveu depressa. Fazer correções ocasionais, especificações, acentuações com a maior facilidade. Copiou oitava a oitava, tinha de se refrear rapidamente, pois a sua escrita tornava-se nervosa, fluía num ritmo febril.

Em vinte e seis versos, que se seguiam à dedicatória, surgiu o esboço de um casamento destruído, o desfazer de um laço atado numa ilusão, com um estampido de libertação. Oh, sim: aquelas estrofes seriam ouvidas em Londres como o estalo de um chicote, e alguns sentir-se-iam atingidos, e com razão.

Quatro horas depois, Byron já copiara quase quatro dúzias de versos e gastara três penas. Apoiou a cabeça nas mãos e olhou pela janela. Em cima da balaustrada da varanda estava um gato tranquilamente sentado; só reparou nele quando as suas orelhas se espetaram para escutar os gritos dos macacos. Uma fumarada saiu das chaminés rastejando para o lado e introduzindo-se nos farrapos flutuantes e indolentes de neveiro. Na outra margem mal se distinguiam os *palazzi*.

Na carta que Byron escreveu aos amigos de Londres, não anunciou apenas o *Don Juan*. Moore não iria certamente evitar as outras passagens divertidas aos seus amigos — o elogio da Fornarina, da rapariga veneziana com os grandes olhos negros e figura de Juno, esguia e vigorosamente insinuante como uma pitão, os seus olhos brilhantes, o seu cabelo escuro a esvoaçar ao luar, e por aí fora —, belo e bom, aquelas coisas transitavam amplamente, era do que eles estavam à espera, e ele fornecia. Mas havia sempre *et cetera, et cetera*, e outras coisas, que Moore nunca se atrevia a pronunciar em voz alta, ou, quando muito, pronunciava dentro das quatro paredes do gabinete de Murray: amargura, frustração de um poeta que ia pelo melhor caminho, para arruinar a sua fama e arruinar-se si próprio, embora Veneza, durante dois anos, tivesse sido para ele a ilha mais verde.

O gato saltou para o nevoeiro preto. Byron assustou-se.

«O regresso à minha pátria? Esqueçam. Eu envio-vos o *Don Juan*.»

SEM LIBERDADE NÃO EXISTE FELICIDADE

S chopenhauer envolveu-se bem no sobretudo e puxou o chapéu para a testa e para as orelhas. Pôs sobre as pernas uma manta de algodão, que encontrara no banco. A estrada estava razoavelmente boa, a poeira assente por uma chuvada que caíra durante a tarde. Ao longo do dia foram-se formando nuvens, vindas de oeste, que se tornavam cada vez mais espessas. Cheirava a neve.

«Que pena», pensou ele, «na verdade, dois dias em Viena tinham-me chegado perfeitamente.» A Academia Oriental teria sido uma visita que valeria a pena fazer; lá, poderia ter estudado o terceiro volume das *Asiatick Researches*, que não estava disponível na Biblioteca Nacional de Dresden. Mas o incidente desagradável na alfândega de Stockerau e outro interrogatório no Ministério dos Negócios Estrangeiros deixaram-no mal disposto. Também teria visitado — provavelmente — uma outra localidade, para contrariar a impressão da imagem que guardava na memória.

Naquela altura, o pai, quando durante a longa viagem ficaram em Viena, levava-o ao Café do Linser na Grünangergasse, agindo misteriosamente, embora ao rapaz aquele estabelecimento não parecesse diferente dos outros cafés vienenses, cheio de figuras estranhas que, como contornos, mal se divisavam no meio do fumo do tabaco e por detrás dos jornais. Mas o estabelecimento do Linser ficava nas proxi-

midades da Bolsa e estava povoado de corretores e especuladores que aí passavam o tempo, antes e depois da abertura e do fecho do mercado, e daqueles a quem era proibida a entrada na Bolsa: mulheres, menores ricos, falidos encartados e esbanjadores conhecidos dos tribunais, todos aqueles que matam pela atração do dinheiro e pelas promessas do mercado — todos participantes assíduos da Bolsa no meio de um bando de jovens mensageiros zelosos, oscilando entre o Linser e a Bolsa, que noticiavam as cotações e passavam ordens na sala — rabiscadas em papelinhos escondidos e colocados por baixo das chávenas de café.

O pai colocara o braço sobre o ombro do rapaz, numa aproximação física pouco comum, e explicara-lhe uma coisa que lhe parecia ser importante:

Como o mesmo produto podia mudar de valor no mesmo dia de negócios, sem que se alterasse uma pequena partícula da sua qualidade, por exemplo, como o preço do trigo húngaro descia devido à oferta competitiva dos preços do trigo de Mähren, sem que nenhum dos corretores tivesse provado uma espiga; como os corretores apostavam sobre a data de chegada dos navios, se o verão iria ser seco ou húmido, ou, em picos anteriores da Bolsa, no germinar dos bolbos das tulipas. E quando um corretor comprava ou vendia assim ou assado, o vizinho seguia-lhe imediatamente o exemplo, e o vizinho deste também, com algum atraso, e inclusive colegas noutras cidades com Bolsa do Império, como se não tivessem tido tempo para pensar.

— Um bando de pardais — disse Heinrich Schopenhauer — a disputarem todos a mesma migalha de pão. Um levanta voo e os outros levantam todos voo, um clama, os outros clamam todos.

Como era diferente a maneira como o pai geria o seu negócio; sozinho numa rede de relações, cobrindo todo o continente, uma grande teia de reconhecimentos, compromissos, comissões e lucros partilhados, preservados e cultivados através de troca de correspondência e visitas, recomendações, mensageiros e encontros nas grandes feiras de amostras. Um comerciante tornava-se senhor das suas decisões, não o bobo de um mercado, a sua palavra de honra, a moeda mais forte. Um homem de negócios que usava aquele nome não podia ser súbdito de ninguém.

— Percebes agora — dissera o pai — porque é que o nosso lema é *point de bonheur sans liberté*, sem liberdade não existe felicidade?

No Café do Linser pedira uma chávena de chocolate, uma bebida substanciosa, que o jovem quisera tornar agradável com colheradas de



açúcar. Mas o sabor amargo não passara. Pensou no que o esperaria no final da viagem.

Uma pancada forte. Um grito estridente e o bramar de uma voz de baixo, outra pancada, um tinido, o impacto de um objeto mole na calçada, o arranque sacudido da canga que chiava, imediatamente refreada pelo postilhão, mais uma breve discussão no interior do veículo, a seguir silêncio e novamente o ranger das rodas de ferro.

Schopenhauer foi arrancado da sua sonolência.

Na berma da estrada estava uma massa escura. Passados uns segundos, desenrolou-se dali um vulto, duas mãos tatearam o tronco, as coxas e os pés, por último a cabeça, como que para verificar se estava completo e a funcionar. A carruagem continuou a rolar calmamente e o vulto perdeu-se na escuridão. Meio minuto depois, ouviu passos leves e apressados, a seguir uma respiração, e viu uma pessoa aproximar-se a correr. Agarrou na bengala.

— Eh, ajude-me a entrar, amigo!

O homem correu quatro, cinco passos ao lado da carruagem, até Schopenhauer o agarrar e o puxar com força pelo braço estendido.

— Então, o que se passa aí atrás? — gritou o condutor.

— Está tudo bem — gritou Schopenhauer —, continue.

— Obrigado — disse o estranho. Olhou de soslaio para Schopenhauer, acenou-lhe e fez um gesto com a mão que queria dizer: espera um momento, deixa-me descansar. Pela voz, teria a idade de Schopenhauer, talvez fosse um pouco mais novo, a luz não chegava para se conseguir perceber.

— Aquele miúdo é estúpido, estúpido — disse finalmente o homem —, e o bode velho devia ser posto dentro de um saco e levar uma grande sova.

Sentou-se direito, puxou para a barriga uma pasta que levava pendurada ao pescoço, remexeu lá dentro e encontrou uma garrafinha que desarrolhou. Depois de dois ou três goles, encostou-se para trás, ofereceu a garrafa e disse:

— O velho empurrou-me para fora do veículo.

— Um dos motivos pelo qual prefiro o *cabriolet* — disse Schopenhauer — é porque se viaja sozinho a maior parte do tempo.

— Agora tens companhia — disse o homem. — Chamo-me Fidelis, Fidelis von Morgenrot, sou estudante e estou a caminho de Itália.

Schopenhauer viu pela postura do outro que este lhe estendia

a mão. Tateou incertamente o ar, até encontrar os dedos do jovem, e apresentou-se.

— Bem, Arthur — disse Fidelis —, mereces uma explicação. Ali adiante segue uma menina verdadeiramente encantadora, e ela estava sentada ao meu lado; o velho em frente olha-me com olhos inflamados, pois o sangue torna-se cada vez mais quente nas minhas veias, aquecido pela proximidade constante, ombro com ombro, braço com braço e perna com perna daquela menina maravilhosamente asseada.

Fidelis contava calmamente em voz baixa; havia uma gargalhada implícita na sua entoação.

— Eu apresento-me, com títulos e tudo; não serve de nada, o velho continua de olhos esbugalhados, como um boi. Tento fazer conversa, a menina cala-se, fascinada com a visão do seu basilisco. A gestão das estradas favorece-me, pois aquele caminho mantém-na naquele estado relaxado, a derrapagem e o balanço da carruagem permitem-me... e a vocês também, quer-me parecer... contactos involuntários, inevitáveis. Em frente, no centro, foi colocado um espelho, por cima do qual a menina me lança olhares, não há dúvida.

— É possível — disse Schopenhauer.

— Torna-se cada vez mais aborrecido. Tiro a minha mala, que está numa rede sobre mim, quero tirar o meu álbum, a mala está bem presa, inclino o tronco acrobaticamente e dá-se um solavanco verdadeiramente desagradável, a carruagem parece ter-se virado...

— Nem dei por isso — disse Schopenhauer.

— Procuo desesperadamente apoio... e passo...

Fidelis fez uma pausa para o efeito.

— ... uma mão inocente sobre a coxa dela, a outra pelo seu seio. Fruto do acaso.

— O tipo de acaso que, por vezes, chega a acordo com a intenção? — perguntou Schopenhauer.

— Ela guincha, ele berra, agarra-me pelo colarinho, dá um pontapé na porta e eu estou lá fora. Ele grita-me: «Se toca na minha mulher, mato-o!»

O estudante abanava a cabeça:

— A mulher! Como se fosse possível. Alguém me explique o que há nesses sacos velhos que as atraí.

«Isso», pensou Schopenhauer, «poderia eu explicar-te com a minha filosofia, mas também porque fui testemunha ocular:

«Um comerciante, a quem já lhe pesa a idade, confunde uma

menina de vinte e um anos com uma mulher. Ela é razoavelmente bonita; ele, notoriamente rico. Nem ela promete um amor apaixonado nem ele espera que isso aconteça. Ele quer um sucessor, ela vem ao seu encontro, pelo menos durante o tempo em que esta parte do acordo é cumprida. Ela ainda lhe oferece uma filha, mas não: nada é oferecido. Começam então os dias, tanto os bons como maus, são apenas dias, que passam, num consentimento silencioso de duas pessoas que tendem a afastar-se, seguindo por caminhos separados, de tal maneira que em breve já não conseguem dar a mão, pois a distância entre eles tornou-se demasiado grande. Tornam-se insensíveis um ao outro. A qualquer momento, o mal de um é a libertação do outro. Foi assim com a minha mãe, quando o meu pai entrou em depressão. O camareiro era a única pessoa que continuava a tratar dele. Ela ia a festas, ele ia para o sótão e abria a porta sobre a loja.»

Mas Schopenhauer nada disse, e Fidelis já há muito tempo que tirara um cachimbo do bolso e o enchera. Depois de acender meia dúzia de fósforos, elevou-se no ar a primeira nuvenzinha. Puxou com força e, no reflexo da incandescência, era mais fácil para Schopenhauer adivinhar os rostos dos outros do que identificá-los.

— Santa Maria — gemeu Fidelis —, aurora, o Sol nasce.

Apoiou os tacões das botas na porta do *cabriolet*.

— Inala com força — disse ele, e passou o cachimbo. Schopenhauer via só a incandescência fraca na cavidade do cachimbo e sentiu o cheiro estranho do aroma. Recusou com um gesto.

— Experimenta.

Pegou no cachimbo que lhe ofereciam, apertou a mão em volta da sua cavidade, para aquecer os dedos. Empurrou cuidadosamente a ponta entre os lábios e inalou. O cheiro doce do fumo que lhe chegara ao nariz era tão intenso como o sabor. Schopenhauer inalou novamente. Teve a sensação de que lhe cresciam pelos por dentro, como se da língua e da boca lhe crescesse um véu de cabelos.

Ah, sim: o Sol nasceu. Ficou tão claro que cerrou os olhos, mas o facto de o fazer não provocou absolutamente nenhuma interrupção no raio claro. Voltou a puxar, mais profundamente. Abriu os olhos. O raio não tinha desaparecido.

Os olhos abriram-se: *Dos olhos nasceu uma visão, e, da visão, surgiu o Sol.*

Como? Fidelis dissera aquilo? Caramba, então o homem conhecia os *Upanixades*. O cachimbo passou de mão em mão. Schope-

nhauer viu-se num mundo alterado. Onde anteriormente estava a faixa branco-mate da estrada na paisagem sombria corria agora uma faixa preto-mate por entre uma região branca e reluzente. Em árvores pretas dormiam corvos brancos. Entre nuvens pretas brilhavam o Sol e a Lua à porfia, um tentava forçar o outro a sair do horizonte. Schopenhauer piscou os olhos e viu a mesma imagem, só que numa havia preto onde na outra havia branco. Uma raposa azul, a quem uma coruja foga, num assalto feroz queria disputar a vítima que ela levava na boca, um jovem coelho, atravessou a estrada — da esquerda para a direita. Ou ao contrário, ou novamente ao contrário, conforme Schopenhauer abria ou fechava os olhos. Levantou-se cuidadosamente no *cabriolet* e subiu para cima do assento para espreitar por cima da mala, para a frente, para o condutor. Este e o postilhão faziam todos os possíveis para que o cavalo atrelado à carruagem não fosse poupado ao chicote. Não demasiado, quis gritar Schopenhauer, mas o cavalo arreganhou os dentes e espetou as orelhas para trás, como se o quisesse ameaçar. Deslizou novamente sobre o assento. O veículo ia a um ritmo vertiginoso e ultrapassou dúzias de carruagens que rapidamente ficaram para trás e, brancas como eram, afundadas na luminosa sopa de leite.

— Não me espanta — gritou ele, e debruçou-se sobre Fidelis —, observa os caracóis cansados.

— Tens razão — retorquiu Fidelis, só temos de prestar atenção para não escorregarmos nos seus rastos de muco. Tem cuidado quando te apeares.

Com efeito, a carruagem efetuou uma paragem; encontravam-se numa bonita aldeia, onde as casas se equilibravam graciosamente sobre as suas fundições. Fidelis e Schopenhauer seguiram os escaravinhos que caíram da carruagem, até uma das casas. Ali, sem cerimónias, arrancava-se-lhes as patas, todas as seis e as antenas, metia-se tudo num espeto, levava-se a comida embrulhada nas suas próprias asinhas, uma almejada refeição abençoada, à mesa.

Fidelis fabulava de novo: *Dos olhos nasceu uma visão, e, da visão, surgiu o Sol*; e repetiu-o várias vezes.

— Claro, isso são palavras minhas — regozijou-se Schopenhauer. — Vocês não conhecem nem um Sol nem uma Terra, só conhecem um olho, que vê um Sol, e uma mão, que sente uma Terra. Tudo isto não passa da vossa representação. Apenas representação. *Tudo representação!*

E representação adiante. Schopenhauer e Fidelis da aurora para o Leão Dourado, a Cidade Nova de Viena. Os convidados, a cambalear

e com brincadeiras delirantes, conversam empolgadamente sobre escaravinhos, caracóis e cavalos que puxam carruagens. O velho da rapariga desiste do assassinio de Fidelis. Fidelis dá a sua enorme palavra de honra de escaravelho imperial. Promete não se aproximar da beldade mais do que a distância de um dedo.

À luz do dia, Fidelis parecia mais elegante e leve do que a primeira impressão que Schopenhauer tivera dele. Calculara que tivesse vinte e seis anos, mas, com efeito, estava nos vinte e nove e tinha visto mais do que aquilo que aparentava. Fidelis falava muito com as mãos, estirava os seus longos dedos e escrevia e desenhava círculos, letras e sinais no ar. Vestia-se totalmente de acordo com a moda romântica tão apreciada pelos estudantes, calçava botas de cano alto e vestia camisa sem colarinho e usava os cabelos castanho-escuros penteados cuidadosamente, com risco ao meio e caídos em ondas sobre os ombros. Estava constantemente a empurrar umas madeixas que com o vento lhe caíam sobre a testa e sobre os seus olhos castanho-escuros, para trás, sobre as orelhas.

No ano anterior, contou Fidelis, regressara de uma viagem prolongada pelo Extremo Oriente, que começara por fazer na companhia de um comerciante vienense. A viagem também o levara até ao Norte do subcontinente indiano, onde conhecera homens sábios em aldeias ermas, os quais pensavam, falavam e agiam de acordo com a antiga filosofia hindu. Infelizmente, desenvolveu uma simpatia por todo o tipo de substâncias, entre as quais, além da papoila-vermelha, o cânhamo. Sob o efeito dessas substâncias, vira coisas e tivera visões que o transportaram para níveis de conhecimento que nunca teria atingido. Os brâmanes tinham-no impelido categoricamente a ouvir determinadas partes dos *Vedas*, especialmente os *Upanixades*, sob o efeito do fumo, pois só assim se descodificava o significado sagrado dos ensinamentos ocultos.

Ah, sim?, pensou Schopenhauer e abandonou a história de Fidelis por um momento e viu-se a si próprio na Biblioteca Nacional de Dresden, à secretária, ao lado da estante indiana com os livros obscuros e intocados. Para ele, a leitura do *Oupnek'hat* (como se chamava na Europa a única edição que se conseguia arranjar dos *Upanixades*) fora suficientemente inebriante; é indiferente a forma como este texto sagrado evoluiu do sânscrito para o latim, passando pelo persa arcaico. Arranjara imediatamente um exemplar do *Oupnek'hat* para si e, desde então, tinha-o sempre à mão: em cima da secretária ou sobre a cadeira

ao lado da cama e, naquele momento, na mala, embrulhado num colete de lã, bem acondicionado de todos os lados.

De qualquer modo, aprendera com os Indianos, disse Fidelis, a não se preocupar muito com o mundo dos outros, pois o mundo dos outros era composto, na maior parte das vezes, por pretensões e limitações, sapos secos ao sol (para nos ficarmos pela imagem do índio sábio): a pele, para parecer bonita, era esticada sobre uma armação de osso como suporte de supostas regras, incapaz de saltar, cheio de ar quente.

A primeira parelha foi substituída nos correios em Neunkirchen, quando consegui introduzir a primeira pergunta na fogosa palestra de Fidelis, a pergunta que pretendia imediatamente colocar, mas que não pudera por motivos conhecidos: onde é que Fidelis tinha ido buscar o provérbio, aquele que citara na tarde antes da primeira fumaça no cachimbo inebriante: *Dos olhos nasceu uma visão, e da visão surgiu o Sol?*

— Ora — disse Fidelis —, li, atormentado pelo tédio, durante uma calmaria interminável, no barco que me deveria levar da Índia a Génova, numa revista sobre religião antiga da Índia, que estaria pela biblioteca do barco

«Vejam só», pensou Schopenhauer, «se não eram as *Asiatick Researches*, o oitavo volume, publicado em Calcutá em 1805: ou muito me engano, ou, além de mim, nem meia dúzia de pessoas na Alemanha estudou os *Upanixades*, e uma delas anda aqui aos pulos no *cabriolet*.»

Fidelis disse que, inicialmente, desejava acreditar que o Sol existia na sua visão (e gostava de citar o provérbio, quando fumava o seu cachimbo, que o que podia existir em ponto de ebulição não seriam somente sóis e vias lácteas, como também fogos infernais e abismos).

— Eu sei o que te impressiona — gritou Schopenhauer, interrompendo-o —, provavelmente é isso tudo o que dizes e que foi objeto do meu pensamento durante estes últimos anos: tu queres saber se este mundo não passa de representação, mas, se fosse só assim, ele teria de passar por nós como um sonho ilusório ou uma construção imaginada, fantasmagórica, não merecedora da nossa atenção; ou, se é outra coisa, outra coisa além disso, e o que é, quando digo: o mundo é a minha vontade...

— E ela materializa-se — disse Fidelis —, cá estão novamente estas maravilhosas frases sinistras, que nenhuma pessoa compreende — Fidelis riu —, a não ser a frieza dos filósofos tranquilos!

Schopenhauer teria tirado para fora o *Oupnek'hat* com prazer, para incitar os seus companheiros a um discurso filosófico sério. Mas Fidelis já estava novamente a tirar fumacinhas do cachimbo.